

ENTRE O EU E O OUTRO: HOSPITALIDADE NA RELAÇÃO PSICOTERAPÊUTICA

Bárbara Gabrielle do Bem; UAM; barbarabem.pesquisa@gmail.com;
(Dr) Sênia Bastos; UAM; senia.bastos@ulife.com.br.

RESUMO

Essa pesquisa entende a hospitalidade como uma forma contemporânea de troca, construída a partir da relação anfitrião-hóspede. Tal relação respeita a alteridade, visa à reciprocidade e ao bem estar das partes envolvidas, expressando-se por meio de gestos de generosidade, oferta de alimentos, bebidas e acomodação. A psicoterapia, por sua vez, adota métodos e técnicas psicológicas, para compreender, analisar e intervir em questões de saúde mental de indivíduos e grupos. Nesse contexto, entende-se por anfitrião o profissional psicólogo e por hóspede o paciente em tratamento, estabelecendo-se uma relação de hospitalidade que envolve acolhimento e reconhecimento do outro. O objetivo geral da pesquisa é compreender a relação de hospitalidade entre psicólogos e pacientes. Para isso, adota-se a revisão sistemática e a revisão narrativa da literatura, além da realização de entrevistas com psicólogos clínicos particulares, com pelo menos um ano de atuação.

PALAVRA CHAVE: Hospitalidade, acolhimento, psicoterapia.

INTRODUÇÃO

Camargo (2004) afirma que a hospitalidade é repleta de ambiguidades, podendo ser definida como um ato humano exercido em contexto doméstico, público e profissional com a intenção de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter as pessoas por um período temporário. Sugere que o encontro entre alguém que recebe e alguém que é recebido pode acontecer em diferentes níveis de interação, sendo eles maiores, menores ou até mesmo nulos.

Derrida (2001, p. 47) nos apresenta a grande Lei da Hospitalidade: incondicional, singular e universal, a qual prevê que “devemos acolher o

desconhecido, o estrangeiro, abrindo as portas a todo e qualquer outro, cada um e a cada uma, sem perguntas, sem investigação, mesmo sem saber da onde ele vem e quem ele é". Essa lei propõe o acolhimento sem o estabelecimento de condição prévia como, por exemplo, a exigência de documentos, o que aproxima esse conceito de um ideal ético.

Essa hospitalidade condicional, aquela em que o acolhimento do estrangeiro acontece, é permeada por regras, normas e fronteiras simbólicas. Nesse modelo, o anfitrião mantém o poder de decidir quem pode entrar e sob quais condições o encontro se dará, instaurando um acolhimento limitado, mas necessário à convivência social (Derrida, 2001).

Tais perspectivas revelam um paradoxo entre a abertura ética e a prudência política, onde o desejo de acolher se confronta com a necessidade de se proteger, gerando uma tensão de construção da sua própria essência, sem anular a acolhida do outro, pois toda hospitalidade se dá entre o convite e a vigilância, entre a dádiva e o limite.

A dádiva não está ligada somente a sentimentos positivos; trata-se de relação complexa e ambivalente, uma dívida cuja reciprocidade pode ser esperada, mas não garantida ou exigida (Caillé, 2019). Ao acolher o estrangeiro, sem saber suas intenções, considera-se a possibilidade de retribuição honrosa, embora permaneça o risco de isso não acontecer ou de ocorrência de hostilidade. Por isso, a dádiva ocorre quando o estrangeiro, antes percebido como possível inimigo, decide retribuir o gesto recebido e entra em um ciclo de reciprocidade com o anfitrião. Nessa concepção, a dádiva pressupõe limites, inclusive de espaço e de tempo.

Toda dádiva é uma doação de si mesmo, ao receber o outro em sua casa, dá-se a ele uma parte de si, esse acolhimento de abrir sua casa ao outro é norteado por regras que limitam o espaço e o tempo (Caille 2019). Além disso, a ambivalência manifesta-se na relação entre anfitrião e hóspede, à medida que o dono da casa, o anfitrião, é homenageado pela presença do hóspede, e o convidado, o hóspede, é honrado pelo convite de acolhimento.

O ato de acolher envolve o risco de não saber quem é o outro. A estranheza leva a percebê-lo como inimigo associado à identidade considerada negativa. Por essa razão, o diferente é detido na soleira da porta, sem acesso ao interior, a fim de evitar desordem ou riscos (Grassi 2011). A hospitalidade é um gesto

de autorização para a entrada do forasteiro, admitindo-o ao interior e permitindo o uso de recursos pertencentes a quem ocupa o espaço por direito. Recebe-se o outro a partir de um princípio de dever e de moral marcado pelo medo. Parte-se do pressuposto que não se conhece o estrangeiro e, assim, corre-se o risco de negar hospitalidade a uma divindade, incorrendo em punição pela ausência de acolhimento, como se observa na narrativa de Baucis e Philemon. Na mesma linha, a tradição cristã afirma que servir o outro é servir a Deus; portanto, ao permitir que o estranho transponha a soleira e adentre no território do anfitrião, cumpre-se o mandamento divino que orienta amar ao próximo como a si mesmo. Essa relação de alteridade fundamenta o cuidado e a honra dirigidas ao hóspede (Grassi 2011).

Entende-se a alteridade como uma incerteza, o outro nunca é previsível. Ao se doar ao outro, não se espera que ele faça o mesmo em troca, a reciprocidade dessa relação é implícita, é esperada, mas não garantida (Caille 2019). Nesse sentido, toda relação exige confiança, mas não controle; a reciprocidade é esperada porque integra o vínculo social, mas não pode ser exigida, pois deixaria de ser hospitaleira e se tornaria um contrato. Essa relação de incerteza, quando autêntica e ética, deixa o outro livre para responder como quiser, e tal liberdade define a alteridade.

Grassi (2011) aponta que todo território geográfico implica em um território de alteridade, lugar onde o outro é reconhecido com suas subjetividades, histórias e culturas. O gesto da hospitalidade, nesse contexto de acolhimento, não é confortável nem espontâneo, pois aceitar quem o outro é pode gerar incômodo. Ainda assim, cumpre-se esse gesto em razão de normas sociais estabelecidas, ou por temor de rejeição ou punição, muitas vezes associada ao divino.

A partir desse entendimento de hospitalidade, o problema de pesquisa da dissertação é como a hospitalidade influencia a prática psicoterapêutica em consultórios clínicos particulares?

A Psicoterapia, segundo o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000), é um processo científico que utiliza métodos e técnicas psicológicas para compreender, analisar e intervir em questões de saúde mental de indivíduos e grupos. Essa prática visa promover a saúde psíquica e ajudar no enfrentamento de conflitos e transtornos, sempre se pautando nos princípios éticos da profissão, como sigilo e orientação de técnicas utilizadas. Nesse

sentido, a pesquisa entende o anfitrião como o profissional psicólogo e o hóspede como o paciente em tratamento.

O objetivo geral dessa pesquisa é compreender a relação de hospitalidade entre psicólogos e pacientes. Para direcionar a resolução desse entendimento proposto, foram formulados os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar as orientações recomendadas para o bem estar do paciente na psicoterapia;
- b) Relacionar as orientações sobre bem-estar e hospitalidade identificadas na literatura;
- c) Interpretar a forma como a hospitalidade é entendida e praticada nas diferentes abordagens psicoterapêuticas;
- d) Reconhecer a presença de laços sociais pós-alta psicoterapêutica.

A importância dessa investigação está atrelada ao melhor desenvolvimento humano dos profissionais da psicologia, possibilitando o entendimento mais amplo das relações hóspede-anfitrião/paciente-psicólogo em uma sociedade onde problemas psicológicos tendem ser cada vez mais incidentes (Kirkbride et al., 2024).

MÉTODOS

A pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento inicial, então, os procedimentos metodológicos assumem uma abordagem qualitativa, de fins exploratórios descritivo, a partir de uma revisão sistemática da literatura, revisão narrativa e realização de entrevista.

Pretende-se realizar entrevistas com psicólogos clínicos particulares, com pelo menos um ano de atuação, buscando entender a relação de dádiva, acolhimento e alteridade praticados na relação psicoterapêutica e atender ao que foi estabelecido no objetivo geral e nos objetivos específicos desta pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Trata-se de uma pesquisa inicial, cujos resultados ainda são restritos aos levantamentos da literatura. Em buscas nas bases de dados Scopus, Web of Science e Periódicos CAPES, com as palavras chaves: hospitalidade AND dádiva AND acolhimento AND alteridade AND psicoterapia, foi encontrada uma lacuna. Não se faz presente estudos em torno da relação de hospitalidade nas psicoterapias, tão pouco que envolva dádiva, acolhimento e alteridade.

CONCLUSÕES

A pesquisa está em fase de formulação e não apresenta conclusões.

REFERÊNCIAS

Caille, A.; Chanial, P.; Gauthier, F.; Robertson, F. *Le don d'hospitalité: quand recevoir, c'est donner*. Revue du MAUSS, n. 53, p. 5–26, 2019.

Camargo, Luiz Octavio de Lima. *Hospitalidade*. São Paulo: Aleph, 2004.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 010/00, de 20 de dezembro de 2000: estabelece o Código de Ética Profissional do Psicólogo. Brasília: CFP, 2000.

Derrida, J. *Cosmopolitas de todos os países, mais um esforço!* Coimbra: Minerva, 2001.

Grassi, M. C. Transpor a soleira. In: Montandon, A. (org.). *O livro da hospitalidade*. São Paulo: Senac, 2011. p. 45–53.

KIRKBRIDE, J. B. et al. The social determinants of mental health and disorder: evidence, prevention and recommendations. *World Psychiatry*, v. 23, n. 1, p. 58-90, fev. 2024. DOI: 10.1002/wps.21160.

FOMENTO

O trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.